



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Estadão

Data: 30/11/2015

Caderno/Link: H2 Especial

Assunto: Mais investimento, parceria e inovação para o agronegócio

FÓRUMS ESTADÃO • SUMMIT AGRONEGÓCIO BRASIL 2015



Novos rumos em pauta. Caixeta, da Esalq; Padilla, da Bunge, e Bojanic, da FAO (da esq. para a dir.), debatem no painel 'Brasil, celeiro do mundo'

Mais investimento, parceria e inovação para o agronegócio

Brasil está às portas da segunda 'revolução agrícola', capaz de garantir alimentos para o mundo, mas há vários obstáculos a superar

Camilla Turtelli
Renato Oselame

O Brasil já se consolidou como um grande produtor de alimentos e inevitavelmente se transformará no principal abastecedor de commodities agrícolas do mundo daqui a alguns anos. Para tanto, porém, é necessário aplicar mais recursos em logística, infraestrutura, pesquisa, tecnologia, extensão rural, capacitação, crédito e seguro rural, sendo que boa parte desses investimentos deve ser feita não só pelo governo, mas também pela iniciativa privada. Além, é claro, de conciliar a produção à preservação

do meio ambiente, usando com absoluta parcimônia os recursos naturais que são finitos – incluindo a água. Tecnologia já há inúmeras disponíveis, mas devem ser usadas em conjunto para garantir seu máximo aproveitamento. Estes temas principais permearam as palestras do Summit Agronegócio Brasil 2015, realizado pelo Estadão em 26 de novembro, quinta-feira, com patrocínio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp).

Interessados de fora. “É preciso muito mais investimentos do que estamos fazendo hoje. E as

condições do País podem atrair muitos interessados de fora”, afirmou o representante da Organização das Nações para Alimentação e Agricultura (FAO) no Brasil, Alan Bojanic. O professor José Vicente Caixeta Filho, da Esalq/USP, sugeriu investimentos em estruturas de armazenagem. Ele avaliou que, além da dependência do transporte rodoviário, a capacidade de guardar a safra é limitada. “Produtor não tem onde armazenar e usa o caminho como silo; isso eleva o frete.”

O presidente do Conselho da Cosan, Rubens Ometto, foi enfático ao dizer que iniciativa privada deve investir pesado no

agronegócio: “Não podemos ter um governo muito participe nisso. Eu acredito na livre iniciativa”. O presidente da Cosan, Marcos Lutz, estimou que o desperdício pelos gargalos logísticos no Brasil equivale a 5% do Produto Interno Bruto. Ele ressaltou a necessidade de diversificar os modais brasileiros e defendeu o aumento da participação das ferrovias.

Governo. O evento contou com a participação de dois membros do primeiro escalão governamental: o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB) e o vice-governador de Mato Grosso, Carlos Fávaro (PSD). Alckmin destacou que, na atual crise brasileira, o agronegócio “tem sido uma exceção”. “No momento de crise e dificuldades, este setor é o que tem trazido boas notícias”, disse. Já o vice-governador Fávaro, de MT, concordou com Ometto em relação à necessária integração entre governo e iniciativa privada para concretizar investimentos que beneficiem diretamente o agronegócio. No caso, a recuperação de estradas. “Temos um desafio gigante para melhorar as rodovias em Mato Grosso”, declarou, ao lembrar que apenas 10% da malha rodoviária do Estado é asfaltada. “Para isso, contaremos com o apoio dos próprios produtores. Não

• **Alertas**
“O agronegócio é o verdadeiro trunfo do desenvolvimento do País e não podemos desperdiçar o seu potencial”

“A incerteza quanto à trajetória da dívida pública e a crise causam desconfiança sobre os rumos do País”

Fábio Meirelles
PRESIDENTE DA FAESP



podemos esperar dinheiro de Brasília ou da China.”

Para garantir alimentos para o mundo, o Brasil também deve lançar mão de tecnologia para não ter de abrir mais áreas de florestas. Por isso o pesquisador Silvio Crestana, da Embrapa, disse que a “nova revolução” agrícola passa agora por um segundo ciclo, de recuperação de áreas degradadas. Neste contexto, o presidente do Brasil da John Deere, Paulo Hermann, garantiu que a fabricante de máquinas agrícolas investiu US\$ 2 bilhões nos últimos anos para adequar sua tecnologia aos trópicos. O diretor de Operações de Negócios Brasil da Bayer

Crescimento está ligado à confiança, sustenta Meirelles

• O presidente da Faesp, Fábio Meirelles, afirmou, no discurso de abertura do Summit Agronegócio 2015, que a raiz dos males enfrentados no setor agropecuário é a instabilidade política no Brasil. “A incerteza quanto à trajetória da dívida pública e a piora dos indicadores macroeconômicos nutrem perspectivas negativas, acarretando desconfiança sobre os rumos do País.” Meirelles sustentou que a retomada do crescimento econômico depende do restabelecimento da confiança no setor público e do fortalecimento das instituições. Sobre o agronegócio, reafirmou a vocação do País para ser um grande player global. Mas advertiu que produtores têm sofrido com a alta dos custos, a dificuldade na obtenção de crédito e seguro rural, além de “investimentos insuficientes em infraestrutura, defesa agropecuária, pesquisa e extensão”. Para ele, é necessário transformar a política agrícola em pluri-anual e defender políticas de apoio ao setor. O dirigente também citou a ampliação da política externa, a qualidade dos serviços públicos para redução do “custo Brasil” e a melhoria na legislação trabalhista e tributária. /C.T. e R.O.

CropScience, Rafael Villarreal, ressaltou, porém, que nenhuma tecnologia pode ser usada isoladamente. “É preciso combiná-las para que elas mostrem todo o seu valor.” Combinação também deve haver entre produtor e agroindústria, na visão do professor da USP Decio Zylberstajn. “Deve haver integração entre essas pontas e também com a universidade”, declarou, no painel sobre novos cenários para a coordenação entre a agricultura e a pecuária.

Crédito. Em painel exclusivo, o presidente do Banco do Brasil, Alexandre Corrêa Abreu, ressaltou, porém, que o uso de mais tecnologia nesta safra (2015/2016) pode estar comprometido, dada a baixa demanda por crédito para investimento por parte do produtor rural. “Nós achamos que o aumento da produtividade está ligado ao aumento do investimento. É um ponto de atenção nesta safra”, declarou, referindo-se ao possível menor uso de tecnologia decorrente disso.

Segundo ele, os desembolsos do crédito rural entre julho e setembro somam R\$ 21,7 bilhões, com média de R\$ 334 milhões por dia útil, avanço de 30% ante mesmo período de 2014. Abreu não informou, porém, qual o montante destinado ao investimento e qual se refere à linha para custeio, cuja demanda aumentou este ano.

Sem recursos, País não concretizará seu potencial

O Brasil já provou seu grande potencial para se transformar num “celeiro do mundo”, garantindo alimentação à própria população e de boa parte do Planeta nos próximos anos. Para que isso se concretize, porém, são necessários mais investimentos. Esta foi a ideia central defendida pelos

participantes do primeiro painel “Brasil, celeiro do mundo”, no Summit Agronegócio. “São necessários muitos mais investimentos do que estamos fazendo hoje, inclusive externos”, disse o representante da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) no Brasil,

Alan Bojanic. Para ele, é necessário que o governo apoie o setor. “Sabemos que os investimentos públicos não estão fáceis, mas deve-se tentar manter o nível atual.” O presidente da Bunge no Brasil, Raúl Padilla, afirmou que o auxílio dos órgãos públicos pode ser feito desburocratizando operações para a iniciativa privada. Ele citou que os investimentos recentes em portos vieram, em sua maioria, de empresas. Padilla enumerou os recursos natu-

rágraficos e de clima que o favorecem na produção de alimentos, mas disse que o País precisa de uma logística melhor, “para administrar esta fantástica produção”. Como exemplo, citou a necessidade de uma rodovia “transitável”, que estimule mais ainda as exportações via Arco Norte. Já o professor e ex-diretor da Esalq/USP José Vicente Caixeta Filho disse que é preciso definir melhor o papel dos agentes públicos nesses investimentos. “O setor público precisa ser regulador

ou formulador de projetos, só que este papel não está bem definido, o que causa incertezas”, afirmou. Para ele, o impulsionador desses projetos deve ser o setor privado. Como exemplo, citou os portos do Arco Norte. “Agora não temos mais como grande preocupação a dependência de portos do Sul e do Sudeste para escoar grãos.” Do lado do produtor, Bojanic, da FAO, recomendou atenção ao cenário econômico global, principalmente em relação à China. “O Banco Mundial

e o FMI preveem que ainda teremos crescimento moderado. A recuperação está devagar”, disse. Em vídeo, o economista-chefe da Bolsa de Chicago (CME Group), Bill Putnam, alertou sobre as consequências dos eventos climáticos. “Após um forte El Niño, com chuvas em excesso, o mundo pode ter uma La Niña muito forte, com o efeito oposto”, destacou, advertindo sobre o risco de grandes oscilações nos preços das commodities nos próximos anos. /C.T. e R.O.

